

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIELLE CHRISTINE CUNHA FORTES

**PRODUÇÃO CULTURAL NA TEKOA PINDOTY: VIVÊNCIAS, INTERAÇÕES
E DIÁLOGOS**

PARANÁ

2018

DANIELLE CHRISTINE CUNHA FORTES

**PRODUÇÃO CULTURAL NA TEKOA PINDOTY: VIVÊNCIAS, INTERAÇÕES
E DIÁLOGOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Especialização em Questão Social na
Perspectiva Interdisciplinar, Universidade Federal
do Paraná, Campus Litoral como requisito para a
obtenção do título de Especialista.
Orientadora: Me. Celeste Fernandez

PARANÁ

2018

RESUMO

Neste trabalho trago minha percepção como produtora cultural local do Projeto *Kiringüé Pindoty* no qual atuei na produção de uma obra audiovisual documental, onde retrata o modo de viver das crianças indígenas Mbya Guarani, suas brincadeiras, cantos e outras atividades lúdicas. Este projeto tem como objetivo maior, valorizar a diversidade da cultura étnica tradicional indígena Mbya Guarani e difusão intercultural entre saberes, fortalecendo assim seu diálogo com a comunidade urbana da região do litoral do paranaense, valorizando a diversidade étnica local e o respeito intercultural. Meu objetivo inicial para este trabalho era apresentar um relatório técnico de produção cultural local no desenvolvimento da produção junto à comunidade tradicional Mbyá Guarani, mas, não posso deixar de colocar minha vivência, minha percepção, e principalmente meu retorno a minha terra, pois sou Caiçara. Trago também minha gratificante caminhada acadêmica na graduação do curso de Tecnologia em Produção Cênica e na Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar da UFPR, e inserida no Projeto Político Pedagógico (PPP) onde através dos debates, análises vivências e reflexões me levaram a perceber o significado de ressignificar. Onde minha instrumentalização como produtora cultural contribui na difusão intercultural entre saberes, valorizando as interações humanas e estabelecendo um diálogo entre a comunidade tradicional indígena, a equipe técnica e a população urbana.

Palavras-chave: Produtora Cultural, documentário, percepção, diversidade cultural.

RESUMO

Koua'é Mba'eapo Py Aru Xee Aexaa produtora Rami Tekopy Projeto Kyrigüé Pindoty Pygua Ha'e Pyma Aiko Petei Tembía Po Ajapo Vy audiovisual documental Ha'e Py Nhemombe'u Mbaeixapa Kyringüé Mbya Guarani Ikuaiá. Nheouanga, Mborai Ha'e Amboae atividades lúdicas. Koua'é projeto Ma Seapoxe Tuvixa Va'e, Nhande Mboete Pave Reko Hete'ipy Mbya Guarani Ha'e Nhemboje'a Reko oikua'a. Imbaraete isayvya Hetava'e Kuery Litoral Paranaense Pygua Reve nhemboete Agüã Amboe Reko Reve Juypy'ixee objetivo Kova'e Mbaepo. Ma apresentar agüã Petei relatório técnico seapo va'e Kue reko apycomunidade Hete'I Mbya Guarani Reve Va'e Ri Nda'evei Aeja Agüã Amombe'u He'y Re Apy Aiko Agüe Xee Aexa Aikuaa Xerekoa Py Ajevvyvvy Mae xee Ma Caiçara Xee Ma Aru gratificante Aguataa acadêmica Graduação curso Tecnologia Jepoa Cênica Ha'e Ase Especialização na Questão Social Ha'e Perspectiva Interdisciplinar UFPR Py, Ha'e Nhemoi Projeto Político Pedagógico (PPP) Py, Ha'e Nhemboaty'apy Mae Analise Jaikoa Ha'egüi reflexes Xereraia Aikuaa Agüã o significado Ha'e I ressugnicar. Ha'epy Maexee instrumentalização Petei produtora Teko Jea Reko o contribui Mba'emo Kua Reve, Ombojerovia Isayvua Omoi Ha'e Kuery comunidade Hetei Indígena Ha'e equipe técnica Ha'e população urbana Reve.

Palavra-chave: Produtora, documentário, percepção, diversidade cultural.

SUMÁRIO

1.1. HISTÓRIA DE VIDA	6
2. CONHECENDO O TEKOA PINDOTY: INTERAÇÕES E DIÁLOGOS	7
2.1 A escola: Interações culturais	10
2.2 As flores no meu caminho	13
2.3 Empreender é aprender, aprender é empreender: Projeto Kiringüé Pindoty	14
3. CERIMÔNIA DO NIMONGARAI – FAZENDO (-SE) KUNHÃ KARAI	17
BIBLIOGRAFIA	20
GLOSSÁRIO	21
ANEXOS	22

1. HISTÓRIA DE VIDA

Interação, acredito ser a palavra que me move. Meu nome é Danielle Christine Cunha Fortes tenho 46 anos, sou natural de Paranaguá Paraná, casada com Geraldo Fortes, mãe de dois filhos, técnica em meio ambiente e produtora cultural. Me casei aos 20 anos e passei a morar em vários estados do vasto Brasil.

No entanto em 2013 minha vida deu uma grande virada, pois mudei da cidade de Maringá para Curitiba e a vontade que já existia em mudar de curso se intensificou. Cursava o terceiro ano de filosofia na Universidade Estadual de Maringá, entretanto tinha muitas dúvidas com relação a formação. Foi quando decidi fazer o Provar/UFPR para o curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica, só não tinha dimensão real do movimento que isso geraria em mim e a minha volta.

Iniciei o curso e outros questionamentos surgiram: Afinal, o que faz uma Produtora Cultural? Qual o perfil da produtora cultural? Onde atua uma produtora cultural?

O conhecimento técnico e teórico foi adquirido, mas foi na prática que entendi o que é ser uma Produtora Cultural, e ser parte da interface dos espaços que compreende tanto os elementos das linguagens artísticas quanto a da linguagem burocrática e administrativa como: fixar objetivos (planejar), analisar, negociar, tomar decisões, mensurar e avaliar para alcançar determinados objetivos de forma eficiente, eficaz e com responsabilidade social e ambiental.

Percebi que ali estava o que eu sempre quis fazer, isto é: planejar, elaborar e executar projetos e produtos culturais, e, seguindo critérios artísticos, sociais e econômicos. Ocupar-me de todas as etapas da produção, da captação de recursos financeiros à execução final, passando pela elaboração do orçamento e do cronograma do projeto.

Cabe a produtora cultural dar visibilidade às portas de entrada do mercado cultural ocupando a posição central do processo de viabilização e veiculação do bem cultural por fazer a ponte entre os profissionais da cultura e de outros segmentos. É nessa perspectiva, que atua como uma espécie de “tradutora”. Uma das principais funções é a de fazer com que a comunicação e a troca entre os agentes envolvidos no processo sejam eficazes.

O produtor cultural é um agente que deve ocupar a posição central neste processo, desempenhando o papel de interface entre os profissionais da cultura e os demais segmentos. Nesta perspectiva, precisa atuar como “tradutor” das diferentes linguagens, contribuindo para que o sistema funcione harmoniosamente. Sua primeira função é a de cuidar para que a comunicação e a troca entre os agentes ocorram de modo eficiente. (AVELAR, 2013, p. 50)

Portanto, para me tornar uma Produtora Cultural tive que mergulhar de cabeça neste universo acadêmico.

Houve um momento que foi fundamental para eu perceber que estava no lugar certo, na hora certa aos 41 anos. Foi quando obtive uma bolsa para integrar o projeto de extensão Cotinga¹. Esta atividade me incentivou na prática acadêmica e contribuiu para desenvolver minha consciência social, cultural e política. Serviu e serve até hoje como base da minha caminhada como Produtora Cultural.

Este conhecimento se fez através das vivências e trocas de experiências entre comunidades tradicionais do litoral do Paraná. Com os indígenas Mbyá Guarani na Ilha da Cotinga, os Caiçaras e os grupos de fandango na Ilha Dos Valadares ambos na Cidade de Paranaguá- Pr. Foi através desta oportunidade com o Projeto de Extensão Cotinga Cultura, Tecnologia e Etnodesenvolvimento do curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná, e ao retornar às minhas origens, percebi o real sentido de “fazer parte de algo”. E o que é ser caiçara, reconhecendo os meus na fala e no jeito de ser caiçara.

Foi nestes caminhos e em muitos outros reencontros que me reconheço enquanto Produtora Cultural e Caiçara. Desta forma levanto questões sobre o que é ser uma Produtora Cultural e o perfil de atuação em uma comunidade tradicional e, não abduco das memórias que construíram esta minha história, no meu tempo e nos espaços e que revestem de sentido minha trajetória.

2. CONHECENDO O TEKOA PINDOTY: INTERAÇÕES E DIÁLOGOS

Procurando responder a minha terceira indagação sobre onde atua a Produtora Cultural? Penso que ela pode atuar em vários lugares, e neste trabalho vou me restringir a falar só das terras indígenas da Ilhas Cotinga e Rasa da Cotinga.

O *Tekoa Pindoty*² é formada pelas ilhas Cotinga e Rasa da Cotinga e foi oficialmente homologada TI (terra indígena) em maio de 1994 pela FUNAI – é caracterizada como de posse tradicional indígena pertencente ao grupo indígena Mbya Guarani. A Ilha da Cotinga está localizada a 2 km a leste do município de Paranaguá, em frente à foz do Rio Itiberê, faixa litorânea paranaense, localizada a leste da Serra do Mar, abrangendo a planície litorânea e a zona montanhosa. A viagem é curta: saindo de barco do continente pela baía de Paranaguá no litoral paranaense e seguindo a leste do Rio Itiberê, navegamos por uns 20 minutos até chegar na comunidade indígena *Tekoa Pindoty*. Os Mbyá Guarani são um subgrupo indígena de fala Guarani, pertencente à família lingüística Tupi- Guarani. Estima-se que cerca de 7.000 pessoas da etnia Mbyá vivem no território brasileiro (ES, PA, PR, RJ, RS, SC, SP, TO / Funasa, Funai, 2008).

A primeira vez que estive na aldeia foi em maio de 2013 através do projeto de extensão Cotinga/UFPR. O professor/coordenador do projeto de extensão Cotinga, Ary Giordani já conhecia a comunidade e as lideranças indígenas, fazendo com que nossa permanência fosse mais tranquila, fomos bem recebidos pelo Cacique Seu Cristino Rodrigues e seu filho o Vice Cacique Dionizio Rodrigues que também é professor bilíngue na Escola Estadual Indígena Pindoty. O professor Ary explanou sobre o projeto Cotinga e logo depois perguntou ao seu Cristino. Quais eram as demandas da comunidade naquele momento? Seu Cristino, pitando seu *Pytanguá*, não pensou muito e logo respondeu: Precisamos arrumar a Associação! Perguntei ao Cacique: O porquê dessa necessidade? Ele falou que, eles precisavam que associação funcionasse porque o Terminal de Containers de Paranaguá naquele momento estava realizando um acordo juntamente com a Funai, com as lideranças indígenas do litoral do Paraná e o Ministério Público para ressarcimento financeiro por motivos de danos ambientais causados pela ampliação da faixa portuária.

Sabendo-se que a atualização dos dados da associação seria fundamental para que possam ser viabilizados inúmeros procedimentos, sejam inerentes ao repasse de recursos financeiros à comunidade, ao fomento de práticas associativistas seja dando

³ Terra Indígena Ilha da Cotinga.

maior visibilidade, voz e voto a comunidade indígena Pindoty, ou ainda, junto a órgãos governamentais, com a representação institucional desta comunidade em conferências, fóruns e grupos de trabalho, inclusive na implementação do Sistema Municipal de Cultura de Paranaguá e de todos os seus desdobramentos. Buscamos as informações necessárias para reorganizar administrativa e financeiramente a ACIGULPA – Associação Comunitária Guarani do Litoral Paranaense que foi registrada em 24 de abril de 2000, mas por causa de um incêndio na casa onde ficava o livro ata, a comunidade perdeu o livro e todos os documentos da associação. Também foi solicitado pela nova diretoria da Associação e as lideranças da comunidade, que a equipe do Projeto de Extensão Cotinga SEPT/UFPR pudesse mediar o diálogo junto ao Terminal de Containers de Paranaguá, no intuito de quitar as dívidas junto a receita federal, tendo em vista a possibilidade de abatimento dos valores devidos a comunidade indígena, em decorrência da execução do componente indígena do Plano Básico Ambiental (PBA)³ onde há o detalhamento das medidas mitigadoras e compensatórias a serem adotados pelo empreendedor para mitigar impactos ambientais identificados no Estudo de Impacto Ambiental e detalhas nos programas ambientais necessários para minimizar os impactos negativos.

Assumindo o papel de Produtora busquei orientá-los tanto no entendimento da estrutura de uma associação quanto no funcionamento da mesma. A primeira ação foi a contratação e orientação de um contador. Trabalhamos juntos para organizar a documentação atrasada junto à Receita Federal e ao SERASA. Na ocasião eu e a liderança indígena na figura do Vice Cacique Dionísio Rodrigues, informamos ao responsável financeiro do Terminal de Containers de Paranaguá para negociar os pagamentos das despesas que a associação teria para regulamentação da associação indígena ACIGULPA.

A empresa Terminal de Containers de Paranaguá (TCP) pagou as despesas com DARFs e multas de atraso junto à Receita Federal e os honorários contábeis, sendo parte do acordo do PBA. Todo o processo levou dois anos e meio para que eles participassem, entendessem e pudessem administrar sozinhos sabendo o porquê e para que serve a associação.

Com o passar do tempo vieram outras demandas, como o auxílio na obtenção de sementes. Estabelecemos contato junto a técnicos do IAPAR - Instituto Agrônômico do

4 <http://www.portosdoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=386>; Acesso em: 10/04/2018.

Paraná em Morretes-Pr, e foi agendada uma visita técnica na comunidade, inicialmente disponibilizando mudas de Pupunha, Cupuaçu, Bananas, Fruta do Conde, Jaboticaba, Graviola, Maracujá e Palmito Jussara, Rama de Mandioca Roxa, Urucum, muda de Cana Roxa no intuito de ampliar os quintais agroflorestais. Durante todo esse período junto à comunidade e a reorganização burocrática da ACIGULPA passei a conhecer melhor os adultos, as crianças e eu mesma.

No decorrer deste período de convívio, revi muitos conceitos pessoais e profissionais. Conceitos que antes desta experiência na aldeia Pindoty seriam verdadeiros e certos, mas que se mostraram muito flexíveis. Pensava que numa aldeia indígena não cabia uma Produtora Cultural, me enganei profundamente, pois neste lugar pulsa interações humanas, sociais e possibilidades para contribuir na difusão intercultural.

Foi neste espaço de convívio humano, que percebi o quanto minha atuação profissional fazia sentido.

2.1 A ESCOLA: INTERAÇÕES CULTURAIS

Na Tekoa Pindoty à Escola Estadual Indígena Pindoty é o ponto de referência do encontro social e cultural dos indígenas com os *júruas*. Talvez porque esteja estrategicamente localizada logo na entrada da aldeia, e é percebida pelo visitante que ali é o ponto limite, a não ser que seja convidado passará deste limite.

É neste espaço, que também é de convivência e saberes, e onde as interações são construídas através do diálogo, dos cantos, dos contos, da venda do artesanato, do simples olhar ou o momento do silêncio, momentos que presenciei enquanto estive na aldeia.

Os Mbyá Guarani são muito alegres e comunicativos, porém, foi no silêncio deles que eu percebi a força da cultura dos Mbyá Guarani. A pausa (silêncio) durante uma fala ou num conto é de uma beleza fascinante, e que impressiona o ouvinte, comove. Mesmo eu não falando a língua Guarani Mbyá sinto o poder da representatividade cultural e a conexão das ideias através da pausa e do silêncio. Na sequência escutamos o Cacique Cristino:

-Nóis veio pra Paranaguá, para viver assim. Nóis mbya, pra plantar e fazer roça procurando terra pra nós; em vários lugares, assim que vivemos; a gente foi entrando nas terras e fazendo uma plantaçãozinha do que nós tinha; para criar bastante animais e de todos; pra quando nossos filhos casarem, nossos netos, todos pra olhar como todos vivem; para contar assim, nós todas as pequenas terras das aldeias, pequena terra, nós mbya, não queremos viver longe, se misturar com homens brancos, não queremos; por isso assim vivemos, assim; vivemos alegres todos, sentamos e ouvimos *Nhanderu* para saber as coisas sem Ele ninguém sabe; falamos sobre a *opy*; ouvimos no silêncio...

(CRISTINO, 2017, s/p)⁴

Foi na escola em doze de janeiro de dois mil e dezessete que aconteceu o primeiro encontro da equipe de produção do projeto Kiringüé Pindoty (o documentário). Ela passou a ser nossa casa durante todo o processo de gravação do documentário, onde fomos acomodados.

Grande parte das gravações aconteceram no espaço escolar, com aulas, conversas, depoimentos, cantos, contos e é claro, as brincadeiras. E foi onde aconteceu o encontro com a Juliana Kerexú, indígena da aldeia e também parte integrante da equipe do documentário. Foi ela quem faz a ponte da comunicação entre a equipe e a comunidade, mas também junto com produção organiza as ações dentro da aldeia. E foi neste dia que ela nos contou um conto importante sobre a relação das crianças e o campinho, lugar sagrado para eles e onde aconteceram as filmagens das brincadeiras das crianças. Juliana conta “A história do campinho”:

“o campinho é muito significativo, que quando eram crianças, eu, tios e tias carregavam os menorzinhos tipo do tamanhozinho do Gael, colocavam no colo e fugiam pra lá. Passava o dia inteiro pra lá. Daí a minha vô, mãe, as tias todo mundo que tinha os filhos fugidos pra lá ficavam gritando. Daí a gente passava o dia inteiro pra lá, brincava. Porque lá conforme você entra parece um labirinto e a gente brincava de pega-pega, de um monte de coisa assim. Naquele lugar quando a gente era criança achava aquelas bolinhas de gudes coloridas e toda vez que a gente ia lá achava uns mais outros menos. Daí uma vez a gente perguntou para minha vô porquê. Daí ela contou né, que a ilha tem um significado bem importante para o povo Guarani, porque na nossa história quando houve a caminhada para a Terra Sem Males, é a última parada dos nossos antepassados foi ai, antes deles passarem os grande mar para Terra Sem Males, Então ela tem um significado muito grande. Daí a minha avó contou essa história, que quando os Xondaros, Nhanderú filho de Deus que vinha com relâmpagos, raios, trovões essas coisas. Quando Nhanderú dava um dia para eles virem brincar, eles descia lá e brincavam de bolinha de gude. E por isso que quando eles voltavam, eles sempre deixavam aqui espalhado. E daí, ela contou que era por isso que tinha as bolinhas de gude, daí só quem achava era as crianças, os adultos depois que crescesse não achavam mais. Porque as crianças eram puras. E não era porque a gente procurava achava, que elas se você for lá só para procurar, vc não vai achar

⁴ Cacique Cristino: (em conversa ao entardecer na aldeia Pindoty em janeiro de 2017).

nenhuma. E uma coisa interessante também, é que a gente guardava as bolinhas de gude e no outro dia não achava mais não. E era bem engraçado assim, e seria bem interessante. Daí, aí seria bem legal domingo pegar as crianças e ir lá.”

(KEXERU, 2017, s/p)

Iniciamos o roteiro a partir desta fala da Julina Kerexú.

Ainda neste período, conversei muito com o Dionísio que é professor bilíngue na escola e morador na aldeia Pindoty. Segundo o professor indígena Dionísio Rodrigues, a elaboração do P.P.P (Projeto Político Pedagógico) foi coletiva, entre a comunidade indígena, professores indígenas, professores não índios e a Secretaria do Estado de Educação do Paraná com o apoio da Diversidade – Coordenação da Educação Escolar Indígena, que atende trinta e três escolas no Paraná, a qual garante a educação intercultural e bilíngue, sendo a primeira a língua materna e a segunda o português. Segundo o professor Dionísio Rodrigues a aprendizagem escolar indígena é formada pela cidadania consciente, crítica e valorizando a cultura tradicional indígena Mbyá Guarani. É de fundamental importância a preservação da língua Guarani Mbyá, e o bilinguismo é um fator importante para o aluno, e tem que ser valorizado de maneira integral e visto como sujeito do processo educativo estimulando o seu orgulho étnico e cultural.

Mas, foi um momento durante as filmagens que eu entendi a ideia principal na explanação que o professor Dionísio tinha me passado anteriormente sobre “sujeito do processo educativo”. Foi quando a Juliana estava em sua casa com sua mãe e as crianças fazendo artesanato, e ela falou da importância do artesanato na educação com foco na matemática. Segundo a Juliana Kerexú:

“Para fazer cesto as crianças aprendem a matemática também. Porque cada cesto leva uma quantidade de fibra. Então, tipo por exemplo: se eu for pintar, eu já separo quantas fibras vão para fazer uma cesta. Dependendo do tamanho. Daí eu já tiro uma quantidade, conto tudo certinho, e já separo quantos que vão!”

(KEXERU, 2017, s/p)

Foram nestas interações e compartilhamento de cultura, história, educação e arte que tecemos nossas relações durante a caminhada nas vivências e filmagens.

2.2 AS FLORES NO MEU CAMINHO

A primeira flor no meu caminho se chama Ana Paula. Menina linda, sorridente, curiosa e muito simpática na época com 08 anos. Mas, como é natural de qualquer criança indígena ela não se aproximou muito de mim no primeiro momento, me olhava de longe e sorria timidamente.

Porém, com o passar do tempo minhas visitas a aldeia ficaram mais próximas e frequentes, e a Ana Paula foi se aproximando de mim. Até que em um dia a menina sorridente chegou perto de mim com a voz baixinha e tranquila e falou: “posso mexer no seu cabelo? É diferente do meu!”.

Eu achei o máximo e falei que eu queria ter o cabelo igual o dela, lisinho ela olhou pra mim, deu um sorriso e começou a fazer trança no meu cabelo e querer de todo jeito a me ensinar a falar em guarani. Ela falava uma palavra em Guarani e pedia para eu repetir a palavra enquanto ela tentava desembaraçar meu cabelo “que é crespo.” Com o passar do tempo e de convivência descobri que a Ana Paula é a melhor jogadora do time feminino e também do time de futebol da aldeia Pindoty. Ela é a filha mais nova da Flor mais cheirosa e resistente que eu conheci na comunidade, a Dona Isolina a Pagé da aldeia Pindoty.

Pagé Dona Isolina é uma mulher forte de olhar profundo e tranquilo e que me recebeu na *Opy* onde me presenteou com seu conhecimento, seu carinho e principalmente com sua atenção. Que privilégio o meu em conhecer essa mulher que realiza os partos na comunidade, e, portanto carrega inevitavelmente uma relação com as crianças.

Mas teve uma tarde especial para mim e também para a equipe de produção. Estávamos na *Opy*, sentados em círculo tomando chimarrão e pitando o *Pitanguá*, e ela começou a contar uma história para as crianças que estavam ali e para a nossa equipe, ela falava em Guarani e a Juliana Kerexú traduzia:

Agora vou falar para as crianças saberem de Nosso Deus; Para ter saúde é bom que nosso Deus, faz bem; A gente fala, vai ensinando também, como que era; Como vivia Nosso Deus, o Sol. O Sol é: Kuaray Nhamandu; O Sol, quando ele aparece a gente levanta; Não podemos esquecer da nossa vida, para contar; Para não esquecer da nossa língua, e de cantar, assim; Viemos com Nosso Deus, com o Sol levantamos para vir à aldeia ver; Para ver e viver bem feliz como vai a aldeia, em Guarani; Aqui tem cobra, tema cobra nos morde mata a gente; Então os indígenas falam que, por causa que, bicho tem, bicho brabo, assim...tem, tem tem.. tem bicho de caça, tem cobra; Ai eu falo,

contando tudo o que é que tem no mato; O que Nosso Deus nos deixou a natureza, e o que nela tem; Para nos alimentar, ele deixou porco do mato, capivara, anta, esquilo, paca, cotia; E Ele deixou todas essas coisas para nos alimentar; Através do Filho de Nosso Deus, nós vivemos mais; Quando levantamos e não falamos de doenças, graças a Nosso Deus não pegamos muitas doenças, vai crescendo. Nosso Deus toma conta. Nhanderu ipo'akaa rupi que é força no Nosso Deus!

(ISOLINA, 2017, s/p)

O simples fato de estar próximo da Dona Isolina me fortalece e em um determinado momento durante a reorganização da Associação, eu percebi que eu estava me reorganizando como ser humano, deixando alguns valores e ganhando outros, como por exemplo “ter tempo para quem a gente ama.”

2.3 EMPREENDER É APRENDER, APRENDER É EMPREENDER: PROJETO KIRINGÜÉ PINDOTY

Empreender é aprender, aprender é empreender. Segundo, Minon de Britto Pinho e André Martinez. “Este é o princípio proposto para o desenvolvimento e aprimoramento das próprias iniciativas socioculturais, das comunidades, dos parceiros e dos públicos envolvidos no processo. Desse modo, sentidos, propósitos, métodos e aprendizados vão construindo ciclos vivos, abertos, expansivos e colaborativos.”

As vivências anteriores com a comunidade indígena Mbyá Guarani que contribuíram para a iniciativa do projeto Kiringüé Pindoty, que consiste na realização de uma obra audiovisual que terá duração aproximada de 26 minutos, inédita, original e documental, onde retrata o modo de viver das crianças indígenas Mbyá-Guarani em suas atividades lúdicas e em seu espaço de sociabilidade, onde sons, brincadeiras e cantos as envolvem cotidianamente.

Foi como produtora local, diretora de produção e na concepção coletiva do projeto Kiringüé Pindoty, trazendo as experiências e convívio anterior do projeto de extensão Cotinga/UFPR que as ações empreendedoras foram sendo encaminhadas coletivamente.

O projeto foi desenvolvido na aldeia Pindoty, localizada na Ilha da Cotinga no município de Paranaguá, e conta com o apoio pedagógico dos docentes da aldeia. Para proporcionar a Aldeia Pindoty um recurso de apropriação artística e documental com finalidade pedagógica, documental e cultural, o equipamento de filmagem adquirido pelo projeto, designado: Filmadora Sony Full HD HDR-PJ230 Preta LCD 2,7", com

Projektor Integrado, Foto 8.9 MP, Zoom Óptico de 32x, Detector de Face, HDMI e Memória 8GB e Tripé Weifeng WT3750 para câmera- 1,60 M, cujos valores correspondem respectivamente a R\$1.299,00 e R\$108,40. Contamos também com um estagiário da aldeia na equipe de filmagem, que foi indicado pela equipe pedagógica da Aldeia e aprendeu em oficinas feitas pela equipe de produção sobre as etapas do processo da produção do documentário e manuseio do equipamento doado para dar continuidade as investigações técnicas e suprir os anseios documentais da cultura Mbyá-Guarani da Aldeia Pindoty.

A obra audiovisual será finalizada em formato 1080px720 (Full HD), com 112 cópias em DVD distribuídas da seguinte maneira:

- 10 cópias do produto total para a ACIGULPA
- 10 cópias do produto total para Cattalini Terminais Maritimos;
- 10 cópias para Fundações Culturais do estado do Paraná;
- 4 cópias para a Secretaria de Educação do Estado do Paraná;
- 4 cópias para a Secretaria da Cultura do Estado do Paraná;
- 2 cópias ao proponente para com fins de divulgação e promoção;
- 48 cópias para as escolas municipais do município de Paranaguá (Paranaguá-PR);
- 2 cópias para a Biblioteca Mário Lobo (Paranaguá- PR);
- 2 cópias para a Biblioteca Pública do Paraná (Curitiba- PR);
- 2 cópias para a Biblioteca Eugenio Ferreira (Guaraqueçaba- PR);
- 2 cópias para a Biblioteca Pública Municipal de Piraquara (Piraquara- PR);
- 2 cópias para a Biblioteca do Instituto Mirtillo Trombini (Morretes- PR)
- 2 cópias para a Biblioteca Municipal Antonina (Antonina- PR);
- 2 cópias para a Biblioteca Central da UFPR (Curitiba - PR);
- 2 cópias para a Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR (Curitiba-PR);
- 2 cópias para a Biblioteca Pública Municipal Profº Bruno Enei (Ponta Grossa-PR);
- 1 cópia para a Biblioteca Pública Municipal de Matinhos (Matinhos - PR);
- 1 cópia para a Biblioteca da UFPR Litoral (Matinhos- PR);
- 1 cópia para a Biblioteca Curt Nimuendajú (Brasília- DF);
- 1 cópia para o Museu Do Índio (Rio de Janeiro- RJ);

1 cópia para o Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá (Paranaguá-PR);

1 máster para a Cinemateca Brasileira.

A Equipe de Kiringüé Pindoty é constituída em sua maioria por realizadores jovens: Matias Cherem Dala Stella (cineasta e proponente), Jéssica Aline de Quadros Gomes (produtora executiva), Caroline Cruz Castanho (auxiliar de direção e fotógrafa), Carmem Elisa de Souza Agulham (captação de áudio/sonoplastia), Daiane Molina (projeto gráfico), Vinicius Gomes de Carvalho (auxiliar de direção), Dionísio Rodrigues (educador da aldeia Pindoty, roteirista e apoio pedagógico), Juliana Kerexu (roteirista) e Danielle Fortes (produtora local e direção de produção). Apesar de não possuímos longos anos de experiência no mercado cinematográfico, percorreremos até este momento uma trajetória bastante múltipla no ramo audiovisual e da cultura, desenvolvendo funções de edição, direção, produção, fotografia, organizações de exposições, oficinas e inclusive já tendo trabalhado juntos em outros projetos.

O projeto foi inscrito no Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC) instituído em dezembro de 1991, com a promulgação da Lei nº 8.313/91, mais conhecida como Lei Rouanet. O PRONAC visa a apoiar e direcionar recursos para investimento em projetos através da captação e a canalização de recursos para os diversos setores culturais. O projeto pode ser inscrito no sistema por pessoa física ou jurídica de natureza cultural, é por meio do Sistema de apoio às Leis de Incentivo à Cultura (Salic), visando à obtenção dos benefícios do mecanismo de incentivo fiscal da Lei nº 8.313/91, onde o captador do projeto busca recurso financeiro junto a patrocinadores⁵ que terão dedução de impostos do aporte financeiros aplicado no projeto.

A produtora executiva Jéssica Aline de Quadros Gomes inscreveu o projeto Kiringüé Pindoty no sistema Salic em 05/05/2015 e teve sua aprovação junto ao Ministério da Cultural (MinC) sob parecer consolidado PRONAC: 159296 – KIRINGÜÈ PINDOTY em 01/12/2015, o projeto foi aprovado para ser captado no valor de R\$97.732,14, e a captação foi realizada na sua totalidade em 21/10/2016 junto à empresa Cattalini Terminais Marítimos na cidade de Paranaguá- Pr.

⁵ O patrocinador do projeto foi a empresa Cattalini Terminais Marítimos.

Mas, como nem tudo acontece como o planejado e principalmente na produção cultural tivemos vários problemas no decorrer do trabalho.

Uma questão importantíssima para o andamento das gravações junto à comunidade era a Autorização de Ingresso em Terra Indígena junto ao Ministério da Justiça e Segurança Pública e a Fundação Nacional do Índio. Este documento que vem via Brasília- DF atrasou todo o andamento dos trabalhos junto à comunidade indígenas, só recebemos a autorização em 23/05/2017 sob o nº37/AAEP/PRES/2017. Porém, a equipe principal iniciou as vivências com a comunidade em janeiro de 2017 com autorização do Cacique Cristino Rodrigues e a representante administrativa da Funai de Paranaguá. Daí para frente o processo foi mais tranquilo, às vezes tendo que cancelar alguns dias de filmagem por vários motivos: muita chuva, cancelamento por parte da liderança indígena, problemas no deslocamento (via mar) entre outros tantos. E sempre que retornávamos a aldeia para trabalhar, éramos recebidos pelo Dionísio que referia-se sempre a Nhanderu dizendo: “ele sabe os porquês!”. Dessa forma aprendi a lição de que tudo acontece no tempo certo!

3. A CERIMÔNIA DO NIMONGARAI – FAZENDO (-SE) KUNHÃ KARAI

Dentro da nova programação da produção no início de janeiro de 2017 eu e a equipe de produção estávamos em mais uma vivência na aldeia Pindoty para finalizar o roteiro de filmagem do projeto Kiringüé Pindoty, quando fomos surpreendidos com o convite da Pagé Dona Isolina para participarmos do – nimongarai – ritual *mboery kyringue*, este ritual coincide com a época do amadurecimento do *avaxi ete*. O Nimongarai é realizado na *opy* e reúne as famílias das crianças que serão batizadas, outros moradores da aldeia e convidados.

A visão de Bonamigo (BONAMIGO, 2009 p. 132) sobre o batismo na comunidade indígena é a seguinte:

Percebendo a cerimônia do batismo, na explicação do Cacique Cristino, existe uma espécie de reunião cósmica: “os seres celestes se reúnem para resolver quais são os nomes de cada alma. A mãe leva a criança diante da pagé que reza e ouve o que os deuses vão falar. Depois de muitas orações, de cantos, a mãe leva a criança e diz que quer saber qual o nome que o deus guardião vai dar. Então, a pagé, depois de procurar saber e espalhar (...) a

fumaça sagrada na cabeça da criança, diz o nome dela e seu significado e como ela deve viver para seguir seus ensinamentos e que a mãe deve ajudar”. (BONAMIGO, 2009 p. 132)

Ao chegarmos na aldeia Pindoty no dia 28/01/2017, percebi que o movimento da comunidade era diferente das outras vezes que estive na aldeia. Tive a sensação de algo diferente no ar, as pessoas estavam mais alegres, festivas e fazendo os preparativos para a cerimônia. O ritual teve início às 17:00, eu e equipe de produção ficamos sentado do lado de fora observando o movimento dos indígenas entrando e saindo da *opy* enquanto a pagé Dona Isolina se preparava fumando seu *pitanguá* e rezando para dar início da cerimônia. Percebi que o tempo começará a mudar rapidamente, de uma tarde sem ventos e ensolarado para um tempo fechado para chuva e muito vento, tiveram que colocar uma lona rapidamente em cima do telhado de palha da *opy* para garantir que a cerimônia seja realizada sem problemas. Em um determinado momento a Ana Paula (minha flor), filha mais nova da pagé Isolina veio chamar todos que estavam aguardando o início do *nimongarai*.

Ao entrar na *opy* fui acomodada pela Ana Paula para ficar sentada no chão ao seu lado e por orientação da Dona Isolina a Ana Paula me falou baixinho “a mãe falou que é para eu cuidar de você, e ir falando o que precisa saber.” E foi o que aconteceu durante toda a cerimônia, a Ana Paula ia falando baixinho no meu ouvido quando eu tinha que ir cantar e dançar junto com as mulheres, quando era o momento de se alimentar e os porquês das ações ali realizadas.

Com o passar das horas e o ritmo da reza-canto e também dos instrumentos musicais como o *mbarakas*, *rave*, *mbarakas mirim* e o *takua pu*, este utilizado pelas mulheres. Neste ritmo sentia meu corpo cada vez mais leve, meus pensamentos estavam ali presentes, naquele momento não existia outro pensamento a não ser o presente. A cerimônia aconteceu em volta da “prateleira” feita de um troco de Cedro com uma cova no formato de bacia dentro tinha água, ervas e pedaço de tronco de outras árvores. Ao redor da prateleira tinham velas feitas de cera de abelha e pendurado tinham espigas de *avaxi ete* para terem uma boa colheita no próximo plantio.

Em um determinado momento da cerimônia logo após as crianças serem nomeadas a pagé fala em Guarani para Ana Paula e ela pega na minha mão para eu levantar e diz “*kunhâ karai*”:

O termo *karai* designa o *xamã* dirigente de reza e/ou especialista na cura, e, de modo menos específico, qualquer homem adulto ou mulher (neste caso,

dita kunhã karai) dotados em algum grau do que Nimuendaju traduziria como a “força mágica” (Nimuendaju, 2001, p.148) que os portadores de nomes recebem. O ritual remete às capacidades que este menino ou menina (ou adulto, se for o caso) pode adquirir pelo nome pessoal, capacidade que, na casa mbya, não lhe são transmitidos diretamente pelo xamã, mas indicadas no nome que este ouve, o qual se espera que venha a desdobrar-se em saberes e poderes controlados por seu portador (a). Determinar o nome de alguém corresponde, assim, a um momento-chave do tornar-se karai ou kunhã karai. (PISSOLATO, p.292, 2007).

Então, levantei e fui até a prateleira de batismo me curvei e a Pagé Dona Isolina começou a rezar e a molhar minha cabeça com a água sagrada e disse meu nome em guarani *Yva rete mindua* e que mais tarde fiquei sabendo ser o mesmo nome em Guarani da Pagé Dona Isolina. Que honra ser batizada com o mesmo nome da pagé, e como os indígenas falam na aldeia, *Nhanderú* nos ensina através das ações que realizamos.

Assim, com o passar do tempo e minha convivência junto à comunidade indígena Pindoty, percebo o quanto nos tornamos colaborativos e participativos. Passei a visitá-los com mais frequência e a estudar mais sobre sua etnia, a entender os processos de convívio, suas necessidades e sua cosmologia. Todos os processos vivenciados por mim na condição de aluna e de profissional foram de grande aprendizado humanístico.

Por todas essas vivências, interações e diálogos que foram e são de grandes aprendizados junto aos Mbyá Guarani, o que me norteará, será, a importância de estar sempre em movimento para que haja a humanidade, que eu considero ser o trabalho coletivo, a propriedade coletiva junto a comunidades tradicionais. Por isso quero dizer, que estar em frequente mudança de lugares e com novas perspectivas faz com que eu me torne uma produtora mais humana, mais resistente, mais preparada para as adversidades e com o olhar sempre no horizonte. Espero poder seguir sempre neste movimento em direção ao outro.

BIBLIOGRAFIA

Aldeia Nova Produtora – Projeto Kiringüè Pindoty. Disponível em: 04/04/2018
<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/106773605/dou-secao-1-23-12-2015-pg-56/>.

AVELAR, ROMULO. **Avesso da Cena:** notas sobre Produção e Gestão Cultural. 3.ed.
Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 2013.

BARBOSA, Pe. A. Lemos. Pequeno vocabulário Tupi-Português. Livraria São José.
Rio de Janeiro, 1951.

BONAMIGO, ZÉLIA MARIA. **A Economia dos MBYA-GUARANIS:** trocas entre
homens e entre deuses e homens na ilha da Cotinga, em Paranaguá-Pr. Curitiba:
Imprensa Oficial, 2009.

CRISTINO, Cacique. Tradução/transcrição dos contos, *Opy*, Ilha da Cotinga -
Paranaguá- Pr, 2017.

ISOLINA

CRISTINO, Cacique. KEREXÚ, Juliana; Tradução/transcrição dos contos, *Opy*, Ilha da
Cotinga - Paranaguá- Pr, 2017.

Projeto Político Pedagógico UFPR Litoral. Disponível em 23/03/2018
<http://www.litoral.ufpr.br/porta/ufpr-litoral/projeto-politico-pedagogico/>

PISSOLATO, Elizabeth. **A duração da pessoa:** Mobilidade, parentesco e xamanismo
mbya (guarani). Rio de Janeiro: NuTI, 2007.

<http://www.portosdoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=386>;
Acesso em: 10/04/2018.

GLOSSÁRIO⁶

Avaxi ete: Milho verde verdadeiro.

Júruas: Não índios.

Kiringüé Pindoty: Crianças Pindoty.

Mbarakas: Violão de cinco cordas.

Mbarakas mirim: Chocalho.

Mboery kyringue: Nomeiam crianças.

Nhanderu: Nosso Deus.

Opy: Casa de reza.

Pytanguá: Cachimbo tradicional.

Rave: Violino.

Takua pu: Bastão de ritmo.

Tekoa Pindoty: Terra de muitos coqueiros.

Yva rete mindua: O fruto que cuida da terra.

⁶ Tradução Juliana Kexerú.

ANEXOS

- I - Saída do Iate clube de Paranaguá para Ilha da Cotinga
- II - Opy e a casa da Pagé
- III - Casa na Aldeia Pindoty
- IV - Nimongarai
- V – Pagé Dona Isolina nomeando na cerimônia do Nimongarai
- VI -Pagé Dona Isolina na Cerimônia do Nimongarai nomeando criança indígena 28-01-2017
- VII – Cacique Cristino Tocando no Nimongarai

I - Saída do Iate clube de Paranaguá para Ilha da Cotinga.



(Foto: Carol Castanho)

II - Opy e a casa da Pagé.



(Foto: Carol Castanho)

III - Casa na Aldeia Pindoty.



(Foto: Carol Castanho)

IV – Nimongarai.



(Foto: Carol Castanho)

V - Pagé dona Isolina nomeando na cerimônia do Nimongarai.



(Foto: Carol Castanho)

VI - Pagé Dona Isolina na Cerimônia do Nimongarai nomeando criança indígena
28-01-2017



(Foto: Carol Castanho)

VII - Cacique Cristino Tocando no Nimongarai



(Foto: Carol Castanho)